9- F I C H A T E C N I C A

TEXTO: O NOVIÇO
AUTOR: MARTINS PENA
DIREÇÃO: MAURO GORNATIS
CONCEPÇÃO: EDUADRO KAWÊ/MAURO GORNATIS
PESQUISAS DE LINGUAGEM: EMILZE NUNES
ILUMINAÇÃO , CENÁRIO E FIGURINO: MAURO GORNATIS
CONCEPÇÃO DE SONOPLASTIA E EXECUÇÃO: PEDRO JR
EXECUÇÃO DE ILUMINAÇÃO/COREOGRAFIA: AYMORÉ GORNATIS
CONFECÇÃO DE FIGURINO: GINÁSTICO
PREFIXO (O NOVIÇO): EDUARDO KAWÊ
MAQUIAGEM: WASHINGTON TORRES
CARICATURAS: REGINALDO NUNES
FOTOS: PEDRO JR:
ADEREÇOS: GINÁSTICO
PREPARAÇÃO VOCAL: JOCELYN GOMES
ELENCO: DALVA MELLO
EDUARDO KAWÊ
ERY FERREIRA
FÁTIMA NUNES
HÉLIO D'ABADIO
JÚLIO VILELA
LÉA BARROS
LIRIAMAR RODRIGUES
MAURO GORNATIS
ROBSON PARENTE

Endereço do Grupo para Contato: Rua 18 nº 336 Setor Aeroviário
Goiânia - Goiás - Cep: 75.520 -
Fone: (062) 271. 08.07
Outros telefones para contato: José Pedro Vilela Júnior
Fone(062) 224. 20. 03
Júlio César Vilela
Fone:062) 223. 57 .08 (Comercial)

O Noviço - Goiás

PRIMEIRO ATO-1845

C-Carlos

A-Ambrósio

F-Florência

E-Emília

M-Mestre

R-Rosa

J-Juca

CENA I

-Sala ricamente adornada:mesa,consolos,mangas de vidro,jarras com flores,cortinas,etc.No fundo,porta de saída,uma janela,etc.

A-só,de calça e chambre-No mundo a fortuna é para quem sabe adquirí-la. Pintam-na cega...Que simplicidade! Cego é aquele que não tem inteligência para vê-la e a alcançar.Todo o homem pode ser rico,se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna.Vontade forte,perseverança e pertinácia são poderosos auxiliares.Qual o homem que resolvido a empregar todos os meios,não consegue enriquecer-se? Em mim se vê o exemplo.Há oito anos era eu pobre e miserável,e hoje sou rico,e mais ainda serei.O como não importa;no bom resultado está o mérito...Mas um dia pode tudo mudar.Oh,que temo eu?Se em algum tempo tiver de responder pelos meus atos,o ouro justificar-me-á e serei limpo de culpa. As leis criminais fizeram-se para os pobres....

CENA II

-Entra Florência vestida de preto,como quem vai a festa.

F-Ainda despido,Sr.Ambrósio?

A-É cedo.São nove horas,e o ofício de ramos principia às dez e meia.

F-É preciso ir mais cedo para tomarmos lugar.

A-Para tudo há tempo.Ora,dize-me,minha bela Florência...

F-O que,meu Ambrosinho?

A-O que pensa tua filha do nosso projeto?

F-O que pensa não sei eu,nem disso se me dá;quero eu-e basta.E é seu dever obedecer-me.

A-Assim é;estimo que tenhas caráter enérgico.

F-Energia tenho eu.

A-E atrativos,feiticeira....

F-Ai,amorzinho!(à parte) Que marido!

A-Escuta-me Florência,e dá-me atenção.Crê que ponho todo o meu pensamento em te fazer feliz...

F-Toda eu sou atenção.

A-Dous filhos te ficaram do teu primeiro casamento.Teu marido foi um digno homem e de muito juízo;deixou-te herdeira de avultado cabedal. Grande mérito é esse...

F-Pobre homem!

A-Quando eu te ví pela primeira vez,não sabia que eras viúva rica.(à parte)Se o sabia!(alto)Amei-te por simpatia.

F-Sei disso,vidinha.

A-E não foi o interesse que obrigou-me a casar contigo.

F-Foi o amor que nos uniu.

A-Foi,foi,mas agora que me acho casado contigo,é de meu dever zelar essa fortuna que sempre desprezei.

F-(à parte)Que marido!

A-(à parte)Que tola!(alto)Até o presente tens gozado dessa fortuna em plena liberdade e a teu bel-prazer;mas daqui em diante,talvez assim não seja.

F-E por quê?

A-Tua filha está moça e em estado de casar-se.Casar-se-á,e terás um genro que exigirá a legítima de sua mulher,e desse dia principiarão as amofinações para ti,e intermináveis demandadas.Bem sabes que ainda não fizestes inventário.

F-Não tenho tido tempo,e custa-me tanto aturar procuradores!

A-Teu filho também vai a crescer todos os dias e será preciso por fim dar-lhe a sua legítima...Novas demandas.

F-Não,não quero demandas.

A-É o que eu também digo;mas como prevení-las?

F-Faze o que entenderes,meu amorzinho.

A-Eu já te disse há mais de três meses o que era preciso fazermos para atalharmos esse mal.Amas a tua filha,o que é muito natural, mas amas ainda mais a ti mesma...

F-O que também é muito natural...

A-Que dúvida!E eu julgo que podes conciliar esses dous pontos,fazendo Emília professar em um convento.Sim,que seja freira.Não terás nesse caso de dar legítima alguma,apenas um insignificante dote-e farás ação meritória.

F-Coitadinha!Sempre tenho pena dela;o convento é tão triste!

-É essa compaixão mal-entendida!O que é este mundo?Um pélago de enganos e traições,um escolho em que naufragam a felicidade e as doces ilusões da vida.E o que é o convento?Porto de salvação e ventura,asilo da virtude,único abrigo da inocência e verdadeira felicidade...E deve uma mãe carinhosa hesitar na escolha entre o mundo e o convento?

-Não,por certo...

-A mocidade é inexperiente,não sabe o que lhe convém.Tua filha lamentar-se-á,chorará desesperada,não importa;Obriga-a e dai tempo ao tempo.Depois que estiver no convento e acalmar-se esse primeiro fogo,abençoará o teu nome e,junto ao altar,no êxtase de sua tranquilidade e verdadeira felicidade,rogará a Deus por ti.(à parte)E a legítima ficará em casa....

-Tens razão,meu Ambrosinho,ela será freira.

-A respeito de teu filho direi o mesmo.Tem ele nove anos e será prudente desde já criarmo-lo para frade.

-Já ontem comprei-lhe o hábito com que andará vestido daqui em diante.

-Assim não estranhará quando chegar à idade de entrar no convento;será frade feliz.(à parte)E a legítima também ficará em casa...

-Que sacrifícios não farei eu para ventura de meus filhos!

CENA III

-Entra Juca,vestido de frade.

-Anda cá filhinho.Como estás galante com esse hábito!

-Juquinha,gostas desta roupa?

-Não,não me deixa correr,é preciso levantar assim....

-Logo te acostumarás.

-Filhinho,hás de ser um frade muito bonito.

-Não quero ser frade!

-Então,o que é isto?

-Hi,hi,hi...Não quero ser frade!

-Menino!

-Pois não te darei o carrinho que te prometí,todo bordado de prata,com cavalos de ouro.

-rindo-se-Onde está o carrinho?

A-Já o encomendei;é cousa muito bonita:os arreios todos enfeitados de fitas e veludos.

J-Os cavalos são de ouro?

A-Pois não,de ouro com os olhos de brilhantes.

J-E andam sozinhos?

A-Se andam!De marcha e passo.

J-Andam,mamãe?

F-Correm,filhinho.

J-contente-Como é bonito!E o carrinho tem rodas,capim para os cavalos, uma moça bem enfeitada?

A-Não lhe falta nada.

J-E quando vem?

A-Assim que estiver pronto.

J-cantando-Eu quero ser frade,eu quero ser frade....

A-Assim o iremos acostumando...

F-Coitadinho,é preciso comprar-lhe o carrinho!

A-Com cavalos de ouro?

F-Não.

A-Basta que se compre uma caixinha com soldados de chumbo.

J-Eu quero ser frade!

F-Está bom Juquinha,serás frade;mas não grites tanto.Vai lá para dentro.

J-saindo-Eu quero ser frade.....

F-Estas crianças...,.

A-Este levaremos com facilidade....De pequenino se torce o pepino...Cuidado me dá o teu sobrinho Carlos.

F-Já vai para seis meses que lá entrou como noviço no convento.

A-E queira Deus que decorrra o ano inteiro para professar,que só assim ficaremos tranquilos.

F-E se fugir do convento?

A-Lá isso não temo eu...Está bem recomendado.É preciso empregarmos toda nossa autoridade para obrigá-lo a professar.O motivo,bem o sabes...

F-Mas olha que Carlos é da pele,é endiabrado.

A-Outros tenho eu domado...Vão sendo horas de sairmos,vou me vestir.(sai)

CENA IV

F-só-Se não fosse este homem com quem casei-me segunda vez,não teria agora quem zelasse com tanto desinteresse a minha fortuna.É uma bela pessoa...Rodeia-me de cuidados e carinhos.Ora,digam lá que uma não deve casar-se segunda vez...Se eu soubesse que havia de ser sempre tão feliz, casar-me-ia cinquenta.

CENA V

-Entra Emília,como querendo atravessar a sala.

F-Emília,vem cá.

E-Senhora?

F-Chega aqui.Ó menina,não deixarás este ar triste e lagrimoso em que andas?

E-Minha mãe,eu não estou triste.(limpa os olhos)

F-Aí tem!Não digo?A chorar.De que chora?

E-De nada,não senhora.

F-Ora,isto é insuportável!Mata-se e amofina-se uma mãe extremosa para fazer a felicidade de sua filha,e como lhe agradece esta?Arrepelando-se e chorando.Ora,sejam lá mãe e tenham filhos desobedientes....

E-Não sou desobediente.Par-lhe-si a vontade;mas não posso deixar de chorar e sentir.(Ambrósio aparece e observa)

F-E por que tanto chora a menina,por quê?

E-Minha mãe...

F-O que tem de mau a vida de freira?

E-Será muito boa,mas é que não tenho inclinação nenhuma para ela.

F-Inclinação,inclinação!O que quer dizer inclinação?Terás,sem dúvida,por algum francelho frequentador de bailes e passeios,jogador do écarté e dançador de polca?Essas inclinações é que perdem a muitas meninas.Esta cabecinha ainda está muito leve;eu é que sei o que te convém:serás freira.

E-Serei freira,minha mãe,serei!Assim como estou certa que hei-de ser desgraçada!

F-Histórias!Sabes tu o que é o mundo?O mundo é...é...(à parte)Já não me recordo o que me disse o Sr.Ambrósio que era o mundo.(alto) O mundo é...um... é..E esta? (vendo Ambrósio) Ah,Ambrósio,dize aqui a esta estonteada o que é o mundo.

A-O mundo é um pélago de enganos e traições,um escolho em que naufragam a felicidade e as doces ilusões da vida...E o convento é porto de salvação e ventura,único abrigo da inocência e verdadeira felicidade... Onde está minha casaca?

F-Lá em cima no sótão.(Ambrósio sai) Ouviste o que é o mundo,e o convento? Não sejas pateta,vem acabar de vestir-te,que são mais que horas.

CENA VI

E-Só é minha mãe,devo-lhe obediência,mas este homem,meu padrasto,como o detesto! Estou certa que foi ele quem persuadiu a minha mãe que me metesse no convento.Ser freira? Oh,não,não! E Carlos,que tanto amo? Pobre Carlos,também te perseguem!E por que nos perseguem assim? Não sei. Como tudo mudou nesta casa,depois que minha mãe casou-se com este homem!Então não pensou ela na felicidade de seus filhos.Ai,ai.

CENA VII

-Carlos,com hábito de noviço,entra assustado.

E- Ah,quem é ? Carlos!

C- Cala-te !

E-Meu Deus,o que tens,por que estás tão assustado?

C-Aonde está minha tia,e o teu padrasto?

E-Lá em cima.Mas o que tens?

C-Fugi do convento,e aí vem eles atrás de mim.

E-Fugiste? E por que motivo?

C-Pois faltam motivos para se fugir de um convento? O último foi o jejum em que vivo há seis dias...Vê como tenho esta barriga,vai a sumir-se. Desde sexta-feira passada que não mastigo pedaço que valha a pena.

E-Coitado!

C-Hoje,já não podendo,questionei com o D.Abade.Palavras puxam palavras; diz tu,direi eu,e por fim de contas arrumei-lhe uma cabeçada,que o atirei por esses ares.

E-O que fizestes,louco?

C-E que culpa tenho eu,se tenho a cabeça esquentada? Para que querem violentar minhas inclinações? Não nasci para frade,não tenho jeito nenhum para estar horas inteiras no coro a rezar com os braços encruzados. Não me vai o gosto para aí...Não posso jejuar:tenho,pelo menos três vezes ao dia uma fome de todos os diabos.Militar é o que eu quisera ser. Para aí chama-me a inclinação.Bordoadas,espadeiradas,rugas é que me regalam;esse é meu génio.Gosto de teatro,e de lá ninguém vai ao teatro, à exceção de Frei Maurício,que frequenta a platéia de cassaca e cabeleira,para esconder a coroa.

E-Pobre Carlos,como terás passado estes seis meses de noviciado!

C-Seis meses de martírio! Não que a vida de frade seja má;boa é ela para quem a sabe gozar e que para ela nasceu;mas eu priminha,que tenho pra tal vidinha negação completa,não posso!

E-E os nossos parentes quando nos obrigam a seguir uma carreira para a qual não temos inclinação nenhuma,dizem que o tempo acostumar-nos-á.

O-O tempo acostumar!Eis aí porque vemos entre nós tantos absurdos e disparates.Este tem jeito para caputeiro:pois vá estudar medicina...Excelente médico! Aquele tem inclinação para cômico:pois não senhor,será político...Ora,ainda isso vá.Entoutro só tem jeito para caixeiro ou borreferiado,é óbvio,que não presta. Veja Diplomata,que borra tudo que faz.Qualoutro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira:manda o bom senso que se corrija o sujeitinho,mas isto não se faz:meja tesoureiro de repartição,fiscal,e lá os vão os pobres da nação à garra...Eoutro tem uma grande carga de preguiça e inteligência e só serviria para leigo de convento,no entanto vemos o vem do número empregado público,e cruzado com as mãos encruzadas sobre a pança o pinque ordenado da nação.

Z-Tens muita razão;assim é.

O-Este nasceu para poeta ou escritor,com uma imaginação fogosa e independente,capaz de grandes coisas,mas não pode seguir a sua inclinação, porque poetas e escritores morrem de miséria no Brasil....E assim o obriga a necessidade a ser o mais somenos emanuense em uma repartição pública e a copiar cinco horas por dia os mais soníferos papéis.O que acontece? Em breve matam-lhe a inteligência e fazem do homem pensante máquina estúpida,e assim se gasta uma vida! É preciso,é já tempo que alguém olhe para isso,e alguém que possa.

Z-Quem pode nem sempre sabe o que se passa entre nós,para remediar;é preciso falar.

O-O respeito e a modéstia prendem muitas línguas,mas lá vem um dia que a voz da razão se faz ouvir,e tanto mais forte quanto mais comprimida.

Z-Mas Carlos,hoje te estou desconhecendo...

O-A contradição em que vivo tem-me exasperado! E como queres tu que eu não fale quando vejo,aqui,um péssimo cirurgião que poderia ser bom alveitar;ali,um ignorante general que poderia ser excelente enfermeiro; acolá,um periodiqueiro que só serviria para arreiro,tão desbocado e insolente é,etc,etc.Tudo está fora de seus eixos....

Z-Mas que queres tu que se faça?

O-Que não se constranja ninguém,que se estudem os homens e que haja uma bem entendida e esclarecida proteção,e que,ao contrário,se despreze o pedrouto,que pesente o jumento nos bancos das academias e amarre o homem de talento à manjedoura.Eu,que quisera viver com uma espada à cinta e à frente de meu batalhão ,conduzí-lo ao inimigo através de metralha,bradando:"Marcha....Camaradas,coragem,soldados bisonhos! Marcha,marche! Firmem,avança! O inimigo fraqueia...(seguindo Emília)Avança!"

E-Primo,primo!Que é isso? Fique quieto!

C-Avança,bravos companheiros!viva a Pátria!Viva!-e voltar vitorioso,coberto de sangue e poeira...Em vez desta vida de agitação e glória,hei de ser frade,revestir-me de paciência e humildade,encomendar defuntos... "requiescat in pace....a porta inferi! Amen....." O que seguirá disto? O ser eu pésimo frade,descrédito do convento e vergonha do hábito que visto. Falta-me a paciência.

E-Paciência,Carlos,preciso eu também ter,e muita.Minha mãe declarou-me positivamente que eu hei-de ser freira.

C-Tu,freira? Também te perseguem ?

E-E meu padrasto ameaça-me.

C-Emília,aos cinco anos estava eu órfão,e tua mãe,minha tia,foi nomeada por meu pai sua testamenteira e minha tutora.Contigo cresci nesta casa,e à amizade de criança seguiu-se inclinação mais forte...Eu te amei Emília,e tu também me amaste.

E-Carlos!

C-Vivíamos felizes,esperando que um dia nos uniríamos.Nesses planos estávamos,quando apareceu este homem,não sei donde,e que soube a tal ponto iludir tua mãe,que a fez esquecer-se de seus filhos que tanto amava,de seus interesses e contrair segundas núpcias.

E-Desde então nossa vida tem sido tormentosa...

C-Obrigaram-me a se noviço,e não contentes com isso,querem-te fazer freira.Emília,há muito tempo que eu observo este teu padrasto.Esabes qual tem sido o resultado de minhas observações?

E-Não.

C-Que ele é um rematadíssimo velhaco.

E-Oh,estás bem certo disso?

C-Certíssimo! Esta resolução que tomaram,de fazerem-te freira,confirma a minha opinião.

E-Explica-te.

C-Teu padrasto persuadia minha tia que me obrigasse a ser frade para assim roubar-me,impunemente,a herança que meu pai deixou-me.Um frade não põe demandas....

E-É possível?

C-E mais:Querem que tu sejas freira para não te darem dote,se te casarem.

E-Carlos,quem te disse isso? Minha [illegible] não é capaz!

C-Tua mãe vive iludida.Oh,que não possa eu desmascarar este tratante!...

E-Fala baixo!

CENA VIII

-Entra Juca.

J-Mana,mamãe pergunta por você.

C-De hábito ? Também ele? Ah!

J-Primo Carlos !

C-Juquinha!Então,prima,tenho ou não razão? Há ou não plano?

J-Primo.você também é frade ?Já lhe deram também um carrinho de prata com cavalos de ouro?

C-O que disse?

J- Mamãe disse que havia de me dar um muito dourado quando eu fosse frade.(cantando)Eu quero ser frade....

C-Ainda duvidas? Vê como enganam esta inocente criança?

J-Não enganam não primo;os cavalos andam sozinhos.

C-Então ?

E-Meu Deus !

C-Deixa o caso por minha conta.Hei-de fazer uma estralada de todos os diabos,verão....

E-Prudência!

C-Deixa-os comigo.Adeus,Juquinha,vai para dentro com tua irmã.

J-Vamos mana.Eu quero ser frade....(saem)

CENA IX

C-Só-Hei-de descobrir algum meio....Oh,se hei-de! Hei-de ensinar a este patife,que casou-se com minha tia para comer não só a sua fortuna, como a de seus filhos.Que belo padrasto!...Mas por hora tratemos de mim;sem dúvida no convento anda tudo em polvorosa...Foi boa cabeçada; O D.Abade deu um salto de trampolim...(batem) Batem? Mau! Serão eles? Espreitemos pelo buraco da fechadura.É uma mulher....(abre a porta)

CENA X

R-Dá licença?

C-Entre.

R-Uma serva de Vossa Reverendíssima.

C-Com quem tenho o prazer de falar?

R-Eu,Reverendíssimo Sr.,sou uma pobre mulher.Ai,estou muito cansada...

C-Pois sente-se,senhora.(à parte) Quem será ?

R-Eu chamo-me Rosa.Há uma hora que cheguei do Ceará no Vapor Paquete do Norte.

C-Deixou aquilo por lá tranquilo ?

R-Muito.Houve apenas no mês passado vinte e cinco mortes.

C-S.Brás!Vinte e cinco mortes! E chama a isso tranquilidade ?

R-Se V.Ra.soubesse o que por lá vai,não se admiraria.Mas meu senhor,isto são cousas que não nos pertencem;V.Ra.é cá da casa?

C-Sim senhora.

R-Então é parente de meu homem?

C-De seu homem?

R-Sim senhor.

C-E quem é seu homem?

R-O Sr.Ambrósio Nunes.

C-O Sr.Ambrósio Nunes!...

R-Somos casados há oito anos.

C-Sabe o que está dizendo?

R-Essa é boa!

C-Está em seu perfeito juízo ?

R-O Reverendíssimo ofende-me...

C-Com a fortuna!Conte-me isto,conte-me como se casou,quando,como,em que lugar?

R-O lugar foi na igreja.

C-Está visto.

R-Quando,já disse;há oito anos.

C-Mas onde?

R-Eu digo a V.Ra.Sou filha do Ceará.Tinha eu meus quinze anos,quando lá apareceu,vindo do maranhão,o Sr .Ambrósio.Foi morar na nossa vizinhança.V,Ra. bem sabe o que são vizinhanças....Eu o via todos os dias, ele via-me;eu gostei,ele gostou e nos casamos.

C-Isso foi anda não...fin dedo....E tem documentos que provem o que diz?

R-Sim senhor,trago comigo a certidão do vigário que nos casou,e pedi logo duas,por causa das dúvidas,podia perder uma...

C-Continue.

R-Vivi dois anos com meu marido muito bem.Passado esse tempo,morreu minha mãe.O Sr,Ambrósio tomou conta de nossos bens,vendeu-os e partiu para Montevidéu a fim de empregar o dinheiro em um negócio,no qual,segundo dizia,havíamos de ganhar muito.Vai isto para seis anos,mas desde então,não soube mais notícias dele.

C-Oh!

R-Escrevi-lhe sempre,mas nada de receber resposta.Muito chorei eu,porque pensei que ele havia morrido.

C-A história vai interessando-me,continue.

R-Eu já estava desenganada,quando um sujeito que foi aqui do Rio,disse-me que meu marido ainda vivia e que habitava na corte.

C-E nada mais lhe disse?

R-V.Ra.vai espantar-se do que eu dizer....

C-Não me espanto,diga.

R-O sujeito acrescentou que meu marido tinha-se casado com outra mulher.

C-Ah,disse-lhe isso ?

R-E muito chorei,mas depois pensei que era impossível,pois um homem pode lá casar-se tendo mulher viva?

C-A bigamia é um grande crime;o código é muito claro.

R-Mas na dúvida,peguei as certidões do meu casamento,e venho eu mesma perguntar-lhe que histórias são essas de casamentos.

C-Pobre mulher.Deus se compadeça de ti !

R-Então é verdade?

C-Filha,a resignação é uma grande virtude.Quer fiar-se em mim,seguir os meus conselhos?

R-Sim senhor,mas que tenho eu a temer? Meu marido está com efeito casado?

C-Dê-me cá uma das certidões.

R-Mas...

C-Fia-se ou não em mim?

R-Aqui está.

A-(dentro)Desçam,desçam,que passam as horas.

C-Aí vem ele:

R-Meu Deus!

C-Venha cá;entre neste quarto.

R-Mas...

C-Entre,senão abandono-a.(Rósa entra)

CENA XI

C-só-Que ventura,ou antes,que patifaria! Que tal? Casado com duas mulheres!Oh,mas o código é muito claro....Agora verás como se rouba e se obriga a ser frade....

CENA XII

A-Andem,andem!Irra,essas mulheres a vestirem-se fazem perder a paciência!

F-Estamos prontas.

A-vendo Carlos-Oh,que fazes aqui?

C-Não vê? Estou passeando;divirto-me.

A-Como é lá isso?

C-Não é da sua conta.

F-Carlos,que modos são esses?

C-Que modos são,são os meus.

B-(Á parte)- Ele se perde!

F-Estás doido ?

C-Doido estava alguém quando....Não me faça falar....

F-Hein?

A-Deixe-o codigo.Por que saíste do convento ?

C-Porque quis.Então não tenho vontade?

A-Isso veremos.Já para o convento !

C-rindo-ah,ah,ah!

A-Ri-se?

F-Carlos!

B-Prima!

C-ah,ah,ah!

A-enfurecido-Ainda uma vez obedece-me ou....

C-Que cara!Ah,ah,ah!(Ambrósio corre para casa de Carlos)

F-metendo-se no meio- Ambrosinho!

A-Deixe-me ensinar a este malcriado....

C-Largue-o,tia,não tenha medo.

B-Carlos!

F-Coitinho,o que é isso?

C-Está bom,não se aborreça tanto,voltarei para o convento.

A-Ah,já?

C-Já sim senhor,quero mostrar minha obediência.

A-E que não fosse...

C-Incorreria no seu desagrado? Porta desgraça...!

F-Principias?

C-Não senhora,quero dar uma prova de submissão ao senhor meu tio....
É meu tio,é...Casado com minha tia segunda vez...Quero dizer, minha tia é que se casou segunda vez.

A-assustando-se-(Á parte)-O que diz ele?

C-o observa-Não há dúvida...

F-O que tem hoje este rapaz?

C-Não é assim senhor meu tio? Venha cá,faça-me o favor,senhor meu tio.
(Carlos o leva até a porta do quarto onde está Rosa) Vê!

A-afirmando a vista-Oh! (volta para junto de Florência e Emília) Vamos, vamos,vamos!

F-Seu chapéu?

A-Vamos,vamos! (sai,levando-as)

C- Então,senhor meu tio? Já não quer que eu vá para o convento? Senhor meu tio? Senhor meu tio? (vai à porta,gritando)

CENA XIII

C-rindo-se-Ah,ah,ah,agora vê-remos e me pagarás...E minha tia também há de pagá-lo,para não se casar na sua idade e ser tão assanhada.E ' o menino que não se contentava com uma!....

B-entrando-Então Reverendíssimo?

C-Então?

R-Eu vi seu marido um instante e fugiu.Ouvi vozes de mulheres....

C-Ah,ouviu? Muito estranho.E sabe de que eram essas vozes?

R-Eu tremo de adivinhar....

C-Pois adivinhe logo de uma assentada...Eram da mulher de seu marido.

R-É então verdade? Pérfido,traidor!Ah,desgraçada!(vai a cair desmaiada nos braços de Carlos)

C-Desgraçada!Será D.Rosa?Bá-la bonita!Esta é mesmo de fraque...Srá,torne a si,deixe desses faniquitos!Olhe que aqui não há quem a socorra.Nada!E este?Ó Juquinha?Juquinha? (Juca entra)Deixa essas assobios sobre a mesa e vai lá dentro buscar alguma cousa para esta moça cheirar.

J -Mas o quê,priso?

C-A pr ideira cousa que encontrares.(Juca sai) Isto está muito bonito'! Um frade com uma moça desmaiada nos braços.Valha-me Santo Antônio!O que diriam se assim me visses?

J-entra com um galheteiro-Está o que achei.

C-Um galheteiro,meninó?

J-Não achei mais nada.

C-Está bom,dá cá o vinagre.(leva ao nariz de Rosa) Não serve;está na mesma.Tome...Vejamos se o azeite fáz mais efeito.Isto parece-me salada...Azeite e vinagre.Ainda está mal temperada;Venha a pimenta da Índia.Agora creio que não falta mais nada.Peior é essa! A salada ainda não está boa!Ai,que não tem sal.Bravo,está tempo rada!Venha mais sal...Agora sim.

R-Onde estou eu?

C-Nos meus braços.

R-assustando-se-Ah,Reverendíssimo!

C-Não se assuste.(p/Juca) Vai prá dentro.(Juca sai)

R-Agora me recordo...Pérfido,ingrato!

C-Não torne a desmaiar,que já não posso.

R-Assim enganar-me! Não há leis,não há justiça?...

C-Há tudo isto,e de sobra.O que não há é quem as execute.(ruzor na rua)

R-Ah!

C-O que será isto? (vai à janela) Ah,com S.Pedro! (à parte) O mestre de Noviços seguido de meirinhos que me procurão...Não escapo...

R-O que é,Reverendíssimo? De que se assusta?

C-Não é nada.(à parte) Estou arranjado! Estão indagando na vizinhança. O que farei?

R-Mas o que é?

C-batendo na testa-Oh,só assim...(p/Rosa)Sabe o que é isto?

R-Diga!

C-É um poder de soldados e meirinhos que vem prendê-la por ordem de seu marido.

R-Jesus! Salve-me!

C-Hei-de salvá-la;mas faça o que eu lhe disser.

R-Estou pronta.

C-Os meirinhos entrarão aqui e hão-de levar por força alguém comigo-es-[illegible] é o meu sobrinho. O que é preciso é enganá-los.
J-E eu?
C-[illegible] o mesmo o meu hábito, e eu o teu vestido.
J-Eu!
C-[illegible] não precisa; terá a senhora barba de Carlos.
J-Mas....
C-[illegible]...... deixa-te de [illegible] isso é que [illegible]. Entra [illegible] o teu vestido [illegible] o [illegible] (Entra [illegible]) [illegible] o que ele há de [illegible]. Anda, senhora, com mil diabos!
SCENA XIV
C-só-Bravo, esta é de mestre! Lá estão eles conversando com o vizinho do armarinho. Não tardarão a dar com o rato na ratoeira, mas o rato é esperto e os logrará. Então, vem o vestido?
J-Já vai.
C-Depressa! O que me vale é o mestre de Noviços ser catacego e trazer óculos. Cairá na esparrela. Vem ou não?
J-(trazendo o vestido e a touca)-Está.
C-Bom. (despe o hábito) Ora, vá senhor hábito. Bem se diz que o hábito não faz o monge. Toma, leva à moça. (Juca sai) Agora é que são elas... Isto é mangas? Diabo, por onde se enfia esta geringonça? Creio que é por aqui... Bravo, acertei. Delicioso! Agora a touca. Estou guapo! creio que farei a minha parte de mulher excelentemente. (batem) São eles. (com voz de mulher) Quem bate?
M-(dentro)-Um servo de Deus.
C-Pode entrar quem é.
SCENA XV
M-Deus esteja nesta casa.
C-Humilde serva de V. Reverendíssima....
M-Minha senhora, terá a bondade de perdoar-nos pelo incômodo que lhe damos, mas nosso dever....
C-Incômodos, Reverendíssimo senhor ?
M-V.Sa. há de permitir que lhe pergunte se o noviço Carlos, que fugiu do convento...
C-Psiu! Caluda!
M-Hein?
C-Está ali....
M-Quem?
C-O noviço...
M-Ah!
C-É preciso surpreendê-lo...
M-Estes senhores oficiais de justiça nos ajudarão.
C-Muito cuidado. Este meu sobrinho dá-me um trabalho

M-Ah,a senhora é sua tia?

C-Sou sua criada.

M-Tenho muita satisfação.

C-Não perca os tempo.Fiquem os senhores aqui do lado da porta, muito calados;eu chamarei o sobrinho.Assim que ele sair,não lhe dêem tempo de fugir;lance-se de improviso sobre ele e levem-no à força.

M-Muito bem.

C-Diga ele o que disser,grite como gritar,não façam caso,arrastem-no.

M-Vamos a isso.

C-Fiquem aqui.Atenção.(vai à porta) Psiu! Psiu! Saia cá para fora,devagarinho !

CENA XVI

M-(entrando)-Já se foram ;? (Assim que ia aparece,o Mestre e os meirinhos se lançam sobre ela e procuram carregar-se fora.)

M-Está preso.Há-de ir.É inútil resistir.Assim não se foge...

M-Deixem-me! Quem me socorre ?

C-Levem-no,levem-no.(Algazarra de vozes;todos falam ao mesmo tempo)

FIM DO PRIMEIRO ATO.

C : Carlos
A- Ambrósio
F- Florência
E- Emília
J- Juca
R- Rosa
M- Mestre

ATO SEGUNDO -

CENA I

(Carlos,ainda vestido de mulher entra acompanhado de Juca)

C- Juca,fique à janela e preste atenção,avisa-me assim que vires teu padrasto no final da rua.

J- E stá bem primo.

C- Como terminará tudo isto? Qual será o destino de minha tia ? Que lição.Isto acabará em muita pancadaria.E a outra,que foi para o convento.AH AH AH.Que confusão entre os fradas,quando elas a descobrirem. (levantando-se) AH AH.Parece-me até que estou vendo D.Abade horrorizado,o mestre de noviços limpando os óculos de boca aberta,Frei Maurício,o folgazão, a rir-se às gargalhadas,Frei Linfrônio,o austero, levantando os olhos para o céu abismado e os noviços todos em volta boquiabertos.AH.Que festa estarei perdendo! Enquanto eu estive lá ninguém se lembrou de dar-me semelhante divertimento.Estúpidos! Mas, o fim de tudo isto? O fim?...

J- (da janela) Primo,aí vem ele!

C- Já? (chega à janela) E como está apressado! (para Juca) Vai para dentro.(Juca sai) Eu ainda vestido assim...Se eu sei o que hei de fazer?(pensa,faz cara de malícia e entra no quarto onde esteve Rosa).

CENA II

A- Deixei-as no Carmo.Entretidas com o sermão,não darão falta de mim. É preciso,e quanto antes,que eu fale com esta mulher.É ela,não há dúvida...Mas como soube que eu estava aqui? Quem lhe disse ? Quem a trouxe? Foi o diabo para minha perdição.Em um momento tudo pode mudar;não posso perder tempo.(Chega à porta do quarto) Rosa,queira ter a bondade de sair aqui para fora.

CENA III

(Entra Carlos,cobrindo o rosto com um lenço.Ambrósio encaminha-se para o meio da sala,sem olhar para ele,e assim lhe fala) :

A- Senhora,sei bem quais são suas intenções,previno-te que estais

muito enganada.

C- (suspirando): Ai,Ai!

A- Há seis anos que te deixei;tive para isso motivos muito poderosos...

C- (à parte): Que tratante!

A- E o meu silêncio depois desse tempo,devia tê-la feito conhecer que nada mais existe de comum entre nós.

C- (fingindo que chora) Hi,Hi,Hi,...

A- O pranto não me comove.jamais poderíamos viver juntos...fomos casados,é verdade,mas o que importa ?

C- (no mesmo)(Hi,Hi,Hi,...

A- Estou resolvido a viver separado de ti.

C- (à parte): E eu também...

A- E para esse fim,empreguei todos os meios,todos,entendestes? (Carlos cai de joelhos aos pés de Ambrósio,e o agarra pelas pernas,chorando) Não adiantam as lágrimas.Hoje mesmo deixarás esta cidade;senão serei capaz de um grande crime.O sangue não me assusta,e ai de quem me resistir! Levanta-te e parta.(Carlos puxa as pernas de Ambrósio,derrubando-o no chão e levanta-se rindo)

C- AH,AH,Ah.

A- (levanta-se muito devagar,olhando muito admirado para Carlos,que ri) Carlos ! Carlos !

C- Meu tio! AH,AH,AH.

A- Mas o que é isto ?

C- AH,AH,AH.

A- Porque estás vestido assim?

C- Este vestido,meu tio...Ah,Ah,.

A- Traquino!

C- Cuidado! Olhe que chamo por ela.

A- Ela quem,brejeiro?

C- Sua primeira mulher.

A- Minha primeira mulher? É falso.

C- É falso?

A- É.

C- E será também falsa esta certidão do vigário da paróquia de...(olhando para a certidão)Maranguape,no Ceará,em que se prova que o senhor recebeu...(lendo) em santo matrimônio nessa igreja D.Rosa Escolástica, filha de Antônio Lemos,etc etc....? Sendotestemunhas,etc.

A- Dê-me esse papel!

C- Calma...

A- Dê-me esse papel!

C- Ah! O senhor encrespa-se.Olhe que a tia não está em casa,e eu sou capaz de lhe fazer o mesmo que fiz ao D. Abade.

A- Aonde está ela?

C- Em lugar que aparecerá quando eu ordenar.

A- Ainda está naquele quarto;não teve tempo de sair.

C- Vá ver.(Ambrósio sai apressado)

CENA IV

C-(só) Procure bem.Deixe estar,espertalhão,que agora hei-de te aperter a corda na gargante.Estás em meu poder;Queres nos roubar....(gritando) Procure bem,talvez esteja dentro das gavetinhas do espelho.Então?Não achas?

CENA V

o mesmo e Ambrósio

A- (entrando) Estou perdido!

C- Não achou?

A- E que será de mim ?

C- Talvez se escondesse em algum buraquinho de rato.

A- (caindo sentado) Estou perdido,perdido! Em um momento tudo se transformou. Perdido para sempre!

C- Ainda não,porque eu posso salvá-lo.

A- Você?

C- Eu ,sim.

A- Carlinho!

C- Já?

A- Carlinho!

C- Ora,vejam como está terno!.

A- Por tua vida,me salva!

C- Eu salvarei,mas sob certas condições....

A- E quais são elas?

C- Nem eu,nem o primo Juca queremos ser frades...

A- Não serão.

C- Quero me casar com minha prima. .

A- casarás.

C- Quero a minha herança....

A- Terás tua,herança.

C- Muito bem.

A - E tu me prometes que nada dirás à tua tia do que sabes?

C- Quanto a isso pode estar certo.(à parte)Veremos....

A- Agora diga-me,onde ela está?

C- Não posso,o segredo não é meu.

A- Mas me dá a tua palavra de honra que ela saiu desta casa?

C- Já saiu,palavra de mulher honrada.

A- E que nunca mais voltará?

C- Nunca mais.(à parte)Isto é,se quiserem ficar com ele lá no convento em meu lugar.

A- Agora me dá esse papel!

C

C-Não pode ser.

A- Dá-me por amor que tens a ti mesmo.

C- Pior foi a guerra.

A- Lim-me a teus pés.(Ajoelha-se;nesse mesmo tempo aparece à porta Florência e Emília,as quais caminham para ele pé ante pé.)

C- Isso é teimosia,levante-se!

A- Não me levantarei enquanto não me deres.para que o queres tu?Farei tudo quanto quiseres,nada me custará para servir-te.Minha mulher fará tudo quanto ordenares;dispõe dela.

F- A senhora pode dispor de mim,pois não...

A- AH! (levante-se espavorido.)

C- (à parte) Aí a temos.

F- (para Ambrósio) Que patifaria é essa? Em minha casa e às minhas barbas, aos pés de outra mulher! Muito bem!

A- Florência!

F- Um raio que o parta! (voltando-se para Carlos!) E quem é a senhora?

C- (com a cara baixa) Sou uma desgraçada!

F- Ah,é uma desgraçada....Seduzindo um homem casado!.Não sabe que...(Carlos que encara com ela,que rapidamente tem suspendido a palavra e,como assombrada,principia o olhar para ele,que ri-se) Carlos! Meu sobrinho!

C- O primo!

C- Sim,tiazinha;sim priminha.

F- Que história é essa?

C- É uma comédia que ensaiávamos para sábado de Aleluia.

F- Uma comédia,?

A- Sim,era uma comédia,um divertimento,uma surpresa.Eu e o sobrinho arranjávamos isso...Coisa a toa.Não é assim,Carlosinho? Mas então vocês não ouviram o sermão até o fim? Quem pregou?

F- (à parte) Isto não é natural...Aqui há coisa.

A- A nossa comédia era mesmo sobre isso.

F- O que estás a dizer?

C- (à parte) Perdeu a cabeça.(para Florência) Tia,basta que saiba que era uma comédia.E antes de principiar o ensaio o tio me deu a sua palavra que eu não seria mais frade.Não é verdade ,tio?

A- É verdade.O rapaz não tem inclinação,e para que obrigá-lo?Seria crueldade.

F- AH'.

C - E que a prima também não seria freira,e que se casaria comigo.

F- É verdade?

A- Sim,para que constranger estas duas almas? Nasceram um para o outro;se amam.É tão bonito ver um tão lindo par!

F- Mas Sr.Ambrósio,ma e o mundo,que o senhor dizia que era um pélago,um sorvedouro e não sei o que mais?

A- Oh,então eu não sabia que estes dois pombinhos se amavam,mas agora que sei,seria horrível barbaridade.Quando se fechem as portas de um convento

sobre um homem,ou sobre uma mulher que leva dentro do peito uma paixão,como sentem estes dois inocentes,torna-se o convento abismo incomensurável de acerbos males,fonte perene de horríssobas desgraças,perdição de corpo e alma;e o mundo,se nele ficassem,jardim ameno,suave encanto da vida,tranquila paz da inocência,paraíso terrestre.E assim sendo,mulher,quererias tu que sacrificasse tua filha e teu sobrinho?

F- Oh,não,não.

C- (à parte) Que grande patife!

A- Tua filha,que faz parte de ti?

F- Não falemos mais nisso.O que fizeste está muito bem feito.

C- E em reconhecimento de tanta bondade,faço cessão de metade dos meus bens em favor do senhor meu tio e aqui lhe dou a escritura.(dá-lhe a certidão de Rosa)

A- (saltando para tomar a certidão) Caro sobrinho! (abraça-o) E eu,para mostrar meu desinteresse,rasgo esta escritura.(rasga e à parte) Respiro!

F- Homem generoso! (abraça-o)

A- (abraçando-a,à parte) Mulher idiota!

C- (abraçando Emília) Isto vai de vento empolpa.

E- Primo!

C- Priminha,seremos felizes!

F- Abençoada seja a hora em que te escolhi para meu esposo! Meus caros filhos aprendei comigo a guiar-vos com prudência na vida.Dois anos estive viúva e não me faltaram pretendentes.Viúva rica...Ah,são vinte cães e um osso.Mas eu tive juízo e critério;soube distinguir o amante interesseiro do amante sincero.Meu coração falou por este homem probo e honrado.

C- Acertadíssima escolha!

F- Chega-te para cá,Ambrosinho,não te envergonhes;mereces os elogios que te faço.

C- Não se envergonhe,tio.Os elogios são merecidos.

F- Ouves o que diz o sobrinho? Tens modéstia? É mais uma qualidade. Como sou feliz!

A- Acabemos com isso.Os elogios assim à queima-roupa perturbam-me.

F- Se os mereces ...

A- Embora.

C- Oh,o tio os mereces,pois não.Olhe,tia,aposto que tio Ambrósio em toda sua vida só tem amado a tia....

A- Decerto!(à parte) Quer fazer-me alguma.

F- Ai,vida da minha alma!

A- (à parte) O patife é muito capaz...

C- Mas nós,os homens,somos tão falsos-assim dizem as mulheres,que não me admira que o tio....

A- (Interrompendo-o) Carlos,tratemos da promessa que te fiz.

C- É verdade,tratemos da promessa.(à parte) Tem medo,que se pele.

A- Irei hoje mesmo ao convento falar só D.Abade,e dir-lhe-ei que mudamos de resolução a teu respeito.E de hoje a quinze dias,Florência,espero ver este salão brilhantemente iluminado e cheio de alegres convidados para celebrarem o casamento de nosso sobrinho Carlos com minha cara enteada.(entra pelo fundo o mestre,seguido de guardas que andam até a boca de cena).

C- Enquanto assim o fizeres,terás em mim um amigo.

E- Senhor,ainda que não possa explicar a razão de tão súbita mudança,aceito a felicidade que me propões,sem raciocinar.Darei a minha mão a Carlos,não só para obedecer a minha mãe,como porque muito o amo.

C- Cara priminha,quem será capaz agora de arrancar-me de teus braços?

M-(batendo-lhe no ombro) Estás preso. (espanto dos que estão em cena)

CENA VI

C- O que está acontecendo? (debatendo-se logo que o agarram)

M- Levem-no.

C- Deixem-me

F- Reverendíssimo,meu sobrinho...

M- Paciência,senhora.Levem-no.

C- (debatendo-se) Larguem-me ,com todos os diabos!

E- Primo!.

M- Arrastem-no.

A- Mas,senhor...

M- Um instante...Para o convento,para o convento.

C- Minha tia,tio Ambrósio! (sai arrastado,Emília cai sentada em uma cadeira; o Padre Mestre fica em cena.)

CENA VII

Ambrósio,Mestre de Noviços,Emília e Florência.

F- Mas senhor,isto é uma violência!

M- Paciência...

F - Paciência,paciência? Creio que tenho tido bastante.Ver assim arrastar meu sobrinho,como se fosse um criminoso?

A- Espera Florencia,ouçamos o Reverendíssimo.Foi,sem dúvida,por ordem do Sr.D.Abade,xxxxxxxxxxxxx que Vossa Reverendíssima veio prender meu sobrinho?

M- Não tomarei sobre mim tal encargo,se não fosse por expressa ordem de D.Abade ,a quem devemos todos obediência.Vê ouvindo como esse moço zombou de seu mestre.Disse-me a tal senhora,pois tal supunha eu...Era,fácil foi enganar-me...Além de ter má vista,tenho muito pouca prática com senhoras...

A- Sabemos disso.

M- Disse-me a tal senhora que o noviço Carlos estava naquele quarto.

A- Naquele quarto?

M- Sim senhor,e ali mandou-nos esperar em silêncio.Chamou pelo noviço,e

assim que ele saiu lançamo-nos sobre ele e à força o arrastamos para o convento.

A- (assustado) Mas a quem senhor,a quem?

M- A quem?

F- Que trapalhada é essa?

A- Depressa!

M- Cheguei ao convento,apresentei-me diante do D.Abade,com o noviço prisioneiro,e então....AH!

A- Por Deus,mais depressa !

M- Ainda me coro de vergonha.Então conheci que tinha sido vilmente enganado.

A- Mas quem era o noviço preso?

M- Uma mulher,vestida de frade.

F- Uma mulher?

A- (à parte) É ela.

M- Que vergonha,que escândalo!

A- Mas onde está essa mulher? Para onde foi? O que disse? Onde está? Responda!

M- Tenha paciência.Descrever-lhes a confusão em que por alguns instantes esteve o convento,é quase impossível.O D.Abade,ao conhecer que o noviço preso era uma mulher,pelos longos cabelos que ao tirar o chapéu lhe caíram sobre os ombros,deu um grito de horror.Toda a comunidade acorreu e grande foi então a confusão.Um gritava:Sacrilégio! Profanação! Outro ria-se'este interrogava'aquele respondia ao acaso...Em menos de dois segundos a notícia percorreu todo o convento,mas alterada e aumentada.No refeitório dizia-se que o diabo estava no coro,dentro dos canudos dos órgãos;na cozinha julgava-se que o fogo lavrava nos quatro cantos do edifício;uns pensavam que D.Abade tinha caído da torre abaixo;outros que fora arrebatado para o céu.Os sineiros,correndo para as torres,puxavam como energúmenos pelas cordas dos sinos;os porteiros fecharam as portas com horrível estrondo;as orações soaram de todos os lados, e a algazarra dos noviços dominava esse ruído infernal,causado por uma única mulher.OH! Mulheres!

A- Vossa Reverendíssima fez seu dever,estou bem certo.

F- Mas julgamos necessário declarar a Vossa Reverendíssima que estamos resolvidos a tirar nosso sobrinho do convento.

M- Nada tenho eu com essa resolução.Vossa Senhoria entender-se-á a esse respeito com o D.Abade.

F- O rapaz não tem inclinação nenhuma para frade.

A- E seria uma crueldade violentar-lhe a natureza.

M- O dia em que o Sr.Carlos sair do convento será para mim dia de descanso.Há doze anos que sou mestre de noviços e ainda não tive para doutrinar rapaz mais endiabrado.Não se passa um só dia em que não tenha de se lamentar alguma travessura desse moço.Os noviços,seus companheiros, os irmãos leigos e os domésticos do convento temem-no como se teme a

a um touro bravo. Zomba de todos e a todos empanca.

F- Foi assim desde pequeno.

M- E se o conheciam, senhores, para que o obrigaram a entrar no convento, a seguir uma vida que requer tranquilidade de gênio?

F- Oh, não foi por meu gosto; meu marido é que persuadiu-me.

A- (com hipocrisia) Julguei assim fazer um serviço agradável a Deus.

M- Deus, senhores, não se compraz com sacrifícios alheios. Sirva-o cada um com seu corpo e alma, porque cada um responderá pelas suas obras.

A-(com hipocrisia) "Pequei, "everendíssimo, pequei; humilde peço perdão.

M- Esse moço foi violentamente constrangido e o resultado é a confusão e em que está a casa de Deus.

F- Mil perdões, Reverendíssimo, pelo incômodo que lhe tenho dado.

M- Incômodos? Para eles nascemos nós... Passam desapercebidos, e demais, ficam de muros para dentro. Mas hoje houve escândalo, e escândalo público.

A- Escândalo público?

F- Como assim?

M- O noviço Carlos, depois de uma contenda com o D. Abade, deu-lhe uma cabçada e o lançou por terra.

F- Jesus, Maria, José!

A- Que sacrilégio!

M- E fugiu ao merecido castigo. Fui mandado em seu encalço... Requisitei força policial, e aqui chegando, encontrei uma senhora.

F- Aqui, uma senhora?

M- E que se dizia sua tia.

F- Ai!

A- Era ele mesmo.

F- Que confusão, meu Deus!

A- Mas essa mulher, essa mulher? O que é feito dela?

M- Uma hora depois, que tanto foi preciso para acalmar a agitação, o D. Abade perguntou-lhe como ela, ali se encontrava vestida com o hábito da ordem.

A- E ela o que disse?

M- Que tinha sido traída por um frade, que debaixo do pretexto de a salvar, trocara o seu vestido pelo hábito que trazia.

A- E nada mais?

M - Nada mais; e fui encarregado de prender de novo a todo custo o o noviço Carlos. E tenho cumprido minha missão. O que ordenam a este servo de Deus?

A- Espere Reverendíssimo, essa mulher já saiu do convento?

M- No convento não se demoram mulheres.

A- Que caminho tomou? Para onde foi? O que disse ao sair?

M- Nada sei.

A- (à parte) O que me espera?

F-(à parte) Aqui há coisa...

M- às vossas determinações...

F- Uma serva de vossa Reverendíssima.

M- (para Florência) Quanto a saída de seu sobrinho do convento,com o D.Abade se entenderá.

F- Nós o procuraremos.(Mestre sai e Florência acompanha-o até a porta; Ambrósio está como abismado.)

CENA VIII

Emília,Ambrósio e Florência.

E- (à parte) Carlos,Carlos,o que será de ti e de mim?

A- (à parte) Se ela me aparece agora! Se Florência desconfia....Estou metido em bons! Como evitar,como? Oh,decididamente estou perdido.Se pudesse encontrá-la.Talvez súplicas,ameaças,quem sabe?Já não tenho cabeça.Que farei? De uma hora para outra aparece-me ela....(Florência bate-lhe no ombro) EI-LA! (assustando-se)

F- Agora nós.(para Emília) Menina,vai para dentro.(vai-se Emília)

CENA IX

Ambrósio e Florência

A- (à parte) Temos trovoada grossa,...

F- Quem era aquela mulher que estava naquele quarto?

A- Não sei.

F- Sr.Ambrósio,quem era a mulher que estava naquele quarto?

A- Florência,já te disse,não sei.São coisas de Carlos.

F- Sr.Ambrósio,quem era a mulher que estava naquele quarto?

A- O que queres que eu diga,Florencinha?

F- Ah,não sabe? Pois bem,então explique-me;porque razão mostrou-se tão espantado,quando Carlos o levou à porta daquele quarto e mostrou-lhe quem estava dentro?

A- Pois eu espantei-me?

F- A ponto de se levar quase de rastos para a igreja,sem chapéu,lá me deixar e voltar para casa apressado.

A- Qual! Foi por...

F- Não estude uma mentira,diga depressa .

A- Pois bem,direi.Eu conheço aquela mulher.

F- Ah! Então quem é ela?

A- Queres saber quem é ela? É muito justo,mas aí é que está o segredo.

F- Segredos comigo?

A- Oh,contigo não pode haver segredos,és minha mulherzinha.(quer abraçá-la)

F- Contenha-se;quem era a mulher?

A- (à parte)Não sei o que dizer...

F- Vamos!

A- Essa mulher....Sim,essa mulher que há pouco estava naquele quarto foi amada por mim.

F- Por ti?

A- Mas nota o que digo;Foi amada;e o que foi,já não é.

F- Seu nome?

A- Seu nome? O que importa o nome ? O nome é uma voz com que se dão a conhecer as coisas...Nada vale;o indivíduo é tudo.Tratemos do indivíduo. (à parte)Não sei como continuar.

F- Então,e que mais?

A- Amei a essa mulher.Amei,sim,amei.Essa mulher foi por mim amada,mas então ainda não te conhecia.Oh,e quem ouserá incriminar a um homem por encantar-se com uma estrela antes de ver a lua,quem? Ela era a estrela e tu és a lua.Sim,minha Florencinha,tu és a lua cheia e eu sou teu satélite.

F- Oh,não me convence assim...

A- (à parte) O diabo que convença essa mulher.(alto) Florencinha,encanto da minha vida,estou diante de ti como diante do confessionário,com uma mão sobre o coração e com a outra....Onde queres que ponha a outra?

F- Ponha lá onde quizer...

A- Pois bem,com ambas sobre o coração,dir-te-ei;Só tu és o meu único amor,minhas delícias,minha vida...(à parte) e minha burra!

F- Se eu pudesse acreditar!...

A- Não podes porque não queres.Basta um bocado de boa vontade,Se fiquei aterrorizado ao ver essa mulher,foi por prever os desgostos que terias,se aí a visses.

F- Se temes que eu a veja,é porque ainda a ama.

A- Amá-la eu?Ah..desejava que ela estivesse mais longe de mim do que o cometa que apareceu a dez anos atrás.

F- Oh,meu Deus,se eu pudesse crer!

A- (à parte) Está meio convencida....

F- Se eu pudesse acreditar! (Rosa entra vestida de frade,pelo fundo,para e observa)

A-(com animação) Estes raios brilhantes e aveludados de teus olhos ofuscam o seu olhar acanhado e esgateado.Estes negros e finos cabelos varrem da minha idéia as suas emarenhadas melenas cor de fogo.Esta mãozinha torneada (pega-lhe na mão).este colo gentil,esta cintura flexível e delicada fazem-me esquecer os grosseiros encantos dessa mulher que...(dá com os olhos em Rosa. vai recuando pouco a pouco)

F- O que há? Por que se espanta ?

R- (adiantando-se) Senhora,este homem me pertence.

F- E quem é Vossa Reverendíssima?

R- (tirando o chapéu,que faz cair os cabelos) Sua primeira mulher.

F- Sua primeira mulher?

R- (dando-lhe a certidão)Leia.(para Ambrósio)Conhece-me,senhor?Há seis anos que não nos vemos,e quem diria que assim nos encontraríamos? Nobre foi o vosso procedeg!...Porque não me mandastes matar de uma vez? Assim devias ter feito,porque então eu não estaria aqui para vingar-me,traidor!!!

A- (à parte) O melhor é fugir.(corre para o fundo.Prevenção)

R- Não o deixem fugir! (aparecem à porta soldados,os quais prendem-no)

Soldado- Estás preso!

A- AIII (corre por toda a casa,etc.Enquanto isso se passa,Florência lê a certidão)

F- Desgraçada de mim,fui traída! Quem me socorre? (vai para sair,encontra-se com Rose) Ah,para longe,para longe de mim! (recuando)

R- Senhora,a quem pertencerá ele? (execução)

C- Carlos
A- Ambrósio
F- Florência
E- Emília
J- Juca
R- Roba
M- Mestre
S- Maria
T- Jorge

ATO TERCEIRO.

CENA I

F deitada,E sentada perto dela,J vestido de calça,brincando com um carrinho.

F- Ai,que inferno! Que barulho faz esse menino.
E- Juca,você está fazendo muito barulho.Vai pra lá.(J sai)
F- Minha cabeça parece que vai estourar.
E- Deixa disso mamãe, logo passa.
F- Passa nada.É porque não é com você.
E- Que isso mãe!.Também não é assim.(à parte) Que saco!
F- Ser assim traída,enganada.Ele foi meu em dois atos e agora não é mais.Que ódio!
E- O jeito é esperar.
F- Um homem em que havia posto toda a minha confiança,que eu amava tanto...Emília,eu o amava muito!
E- Coitada!
F- Enganar-me deste modo!,Casado com outra mulher.Como os homens são falsos! Uma mulher jamais faria uma coisa desse.
E- Calma mamãe.É hora de tomar o remédio.
F- Ah! Isso não vai adiantar nada.
E- Mas ajuda.
F- Quando eu vi aquela mulherzinha,senti uma revolução que não sei explicar...um mal estar que não me deixa sair da cama.
E- Eu estava no meu quarto quando ouvi gritos na sala,saí correndo e dei de cara com meu padrasto.
F- Teu padrasto?
E- ...Que passando como um raio por mim,tomou o elevador.Corri para a sala e encontrei a senhora chorando.
F- Ele já tinha saído depois de ameaçar-me.Ah! Mas eu hei-de ficar boa para vingar-me.
E- Isso mesmo,mamãe!
F- Ah! Mas vou ficar mesmo! Não vale a pena morrer por um... traste daquele!

E- E por aí mesmo.

F- O meu advogado disse-me que o cafajeste está escondido,mas que já há mandado de prisão contra ele.Deixa estar.Quem ele pensa que é? Enganar-me.Queria me convencer de até mandar você para o convento.

E- Humi Humi Que mudança,hein mamãe? E o coitado do Carlos que está naquele seminário,que não pode nem receber visitas.

F- Nesta manhã mandei um recado ao padre-diretor do seminário -----, e além disso vou mandar essa carta solicitando a presença de um padre para tratarmos pessoalmente desse assunto.

E- UFA! Até que enfim!

F- Chama o José.

E- (tocando a sineta)Será que Carlos chega ainda hoje?

F- Que pressa! Chama o José.

E- José!José!

CENA II

As mesmas e Maria

(Entra Maria.Emília e Florência olham-na espantadas)

M- Pois não,madame.À critério da direção,a personagem foi mudada. Aliás,uma atitude bastante sensata.(as duas assentem)

F- Maria,leva essa carta ao seminário onde está meu sobrinho Carlos.Você sabe onde fica? Não sabe?

M- Sei madame.

F- Entregue-a ao padre-diretor.

M- Perfeitamente,Madame. (sai)

E- Depressa!Depressa! Tomara que ele chegue logo.

F- Emília,lembre-me amanhã de despedirmos essa Maria.Pois afinal de contas foi contratada por aquele traste,e pode muito bem ser uma espiã.

E- Puxa! Mas ela me parece ser uma pessoa tão distinta.

F- Ambrósio também parecia ser.

E- É.

F- Você não tem prova de literatura amanhã?

E- Tenho.

F- Então vá estudar,querida.'(Emília sai e Florência pega um livro)

CENA III

F- (lendo)Estar no quarto de Carlos é bem melhor.No meu tudo lembra aquele...Como os homens são cretinos! São capazes de ter duas,três, uma dúzia de mulheres.E onde estará aquela pau-de-arara,se bem que...A idiota da história foi eu,pois casei-me sem conhecê-lo direito.COMPANHEIRAS! MIREM-SE NO EXEMPLO DESTA MULHER.Aquele cretino,imbecil,filho da puta vai apodrecer na xadrez. Pode demorar,mas não escapa.Ai,minha cabeça.Se eu conseguisse dormir um pouco. (dorme)

CENA IV

-CARLOS entra pelo fundo,apressado.Traz a roupa suja e rasgada.

C- Não há grades e nem muros que me assurem.Comi o pão que o diabo amassou,mas consegui chegar aqui no nono andar.Que merda! Me esfolei todo.Não sei porque insistem em me manter naquele maldito seminário.Ainda faço churrasquinho de padre.Acho que ninguém me viu entrar.(vê Florência) Por que será que a tia está dormindo aqui...O que terá acontecido nestes dias em que estive preso.E a outra,onde estará? E Emília? (tocam a campainha) Droga! Descobriram que eu fugi. Ainda mato um padre.

M- (dentro) Deus esteja nesta casa.

C- É o padre-mestre.Diabos! sabia que eram eles.

M- (dentro) Dá licença?

C- Eu por mim morre seco aí na porta.Eu preciso me esconder ,mas também preciso ouvir a conversa....Debaixo da cama.(esconde-se)

M- Dá licença?

F- (acordando) Quem é? Quem é?

M- Um servo de Deus.

F- Emília? Emília?(toca a campainha)

CENA V

E- O que foi,mãe?

F- Vá ver quem está à porta.

E- Ah! Mas isto é coisa de empregada! (Emília sai pelo fundo)

F- Acordei sobressaltada...Estava sonhando que o meu primeiro marido enforcava o segundo,e era muito bem enforcado...

CENA VI

Entra Emília com o Padre-mestre

E- Mãe,é o senhor padre-mestre.

M- Desculpe-me,minha senhora.

F- Desculpe o senhor,padre,se o assim recebo.

M- Não se preocupe,pois a cidade inteira já sabe o que aconteceu.

F- Sente-se padre.O senhor veio aqui a mandado do Padre-diretor.

M- Não.

F- Não? Mas eu lhe escrevi.

M- Aqui estou pelo mesmo motivo que das outras vezes.

F- Como assim ?

M- Em procura do noviço Carlos.Ah, que rapaz!

F- Pois tornou a fugir ?

M- Em fugiu! É indomável! Foi trancafiado a pão e água.

E- Desgraçado!

M- Ah,a menina lastima-o ? Já não me admira que ele faça o que faz.

F- Continue padre...

M- Como dizia,estava trancafiado,mas conseguiu fugir.

F- Estou pasmat E para onde foi ?

M- Não sabemos,mas julgamos que para aqui se dirigiu.

F- Posso garantir ao senhor,que aqui ele não apareceu.(Carlos coloca a cabeça para o lado de fora e puxa Emília pela perna)

E- AI!

F- Cuidado! Vente-se.Mas como lhe dizia,o meu sobrinho não apareceu;desde o dia que o senhor o levou preso ainda não o vimos. Eu não costumo venhir.

M- Nem tal suponho.Depois,a senhora como boa tia que é,deveria contribuir para sua correção.Esse moço tem revolucionado o seminário.É preciso aplicar-lhe um castigo exemplar.

F- Eu já mandei falar ao Padre-diretor que o meu sobrinho iria sair do seminário.

M- Estamos dando graças à Deus,mas achamos que ele deveria ser castigado,não por ele,que não tem conserto,mas para que os outros não sigam o seu exemplo.

E-xxIxxxxxxmxxmaixxquexxsexxlhexdigaxxxx

C- Veremos...

F- (para Emília). O que é?

E- Nada,não senhora.

F- Como estão resolvidos a liberá-lo do seminário e o castigo é tão somente exemplar e ele precisa um pouco,prometo que assim que ele aparecer o mandarei de volta.

M- Ficaremos muito gratos,senhora.

C- Vê se te enxerga Matusalém.

M- Até logo.

F- Até logo.(para Emília) Acompanha o padre mestre.

M- Minha menina,muito cuidado com o senhor seu primo.Não se fie nele;julgo capaz de tudo.(sai)

E- Vá encomendar defuntos!

CENA VII

Emília,Florência e Carlos debaixo da cama.

F- Tá vendo?É a terceira vez que ele foge.

E- E para que o prendem ?

F- Prendem-no porque ele foge.

E- E ele foge porque o prendem.

F- Que engraçadinha! Só mesmo nessa cabeça de vento.(Carlos puxa a perna de Emília) Mas o que é que você tem ?

E- ...Nada.Nada.

F- Se ele aparecer vai voltar para o seminário,mesmo que a você tusse! O que é ?

E- São cócegas nas solas dos pés.

F- Ah,isso são câimbras.Bate com o pé.Assim está melhor.

C- Vai passando.

F- O sobrinho é estouvado,mas nunca te dará os desgostos que me deu o Ambró.....nem quero pronunciar o nome.Fique quieta! Bate com o pé.

C- (afastando-se da cama)Não posso estar quieta no mesmo lugar. (à parte) QUE LOUCO !

F- Estou arrependida de tar escrito.(entra Maria) Quem está aí?

CENA VIII

As mesmas e Maria.

C- É a Maria.

F- Entregou a carta ?

M- sim Madame.E o padre-diretor mandou comigo um outro padre,que ficou na sala.

F- Mande-o entrar.(sai Maria) Já que o padre teve o trabalho de vir até aqui,quero aproveitar a ocasião e me confessar.Posso morrer.

C- Sola.

F- Ande,vá para dentro.

CENA IX

F- (só) Já pensei tanta besteira por causa daquele idiota,que acho melhor me confessar mesmo.

CENA X

Ambrósio,com hábito de frade,entra seguindo Maria.

M- Aqui está a senhora.

A- Retira-te e feche a porta.(dá-lhe dinheiro)

M- (à parte) Aqui se faz,aqui se paga Madame.

CENA XI

F- Sente-se.Fique a vontade.

A- (fingindo que tosse)-HUM.HUM.HUM (Carlos espreita debaixo da cama)

F- Tenho certeza que o senhor está aqui para falarmos sobre meu sobrinho Carlos.Mas não é preciso,porque já resolvi este assunto com o padre Mestre.O senhor está sabendo?

A- (no mesmo)-HUMIHUMIHUMI!

F- O senhor está sentindo alguma coisa?

A- (disfarçando) Não,não....

C- (à parte) Não conheci esta voz no seminário....

F- Já que o senhor está aqui,gostaria de aproveitar para confessar-me.

A- (vai trancar a porta)

F- Por que o senhor está trancando a porta ?

C- Este padre está a fim de....

A- Por precaução.

F- (à parte) Não estou gostando disso.(Alto) Padre,acho que deveria saber que fui casada duas vezes;a primeira com um grande homem,e a segunda com um RATO.

A- HUMIHUMIHUM!

F- Um homem sem caráter,cafajeste,sujo,gigolôzinho barato,um bígamo.

A- HUMIHUMIHUM!

F- E antes de ir para o inferno,vai apodrecer na cadeia.E só não foi ainda porque não teve coragem de aparecer!

A- Quem disse que eu não tenho coragem de aparecer. (tira a batina)

F- AMBRÓSIO !!!! (fugindo da cama)

C- (à parte) DESGRAÇADO!!

A- Pode berrar,que as portas estão trancadas.Preciso de dinheiro,e de muito dinheiro para fugir.E é bom você me dar logo senão...

F- Eu grito por socorro.

A- Que me importa,sou criminoso e serei punido.Pois bem,cometerei outro crime,só que agora para salvar a minha pele.Pode ir passando para cá,dólares,jóias,tudo,senão eu te mato.

F- Socorro! Socorro! Ladrão! Ladrão! (escuro)

A- Cala a boca! Cala a boca!

C- A coisa está ficando preta.(Vai saindo debaixo da cama no momento que Florência atira com a mesa no chão.Ouve-se gritos ' fora, ABRA,ABRA! Florência,achando-se só no escuro,senta-se no chão,encolhe-se e cobre-se com uma colcha.)

A- Onde é que você está,não adianta esconder-se.

C- A tia parou de gritar e ele ainda está aqui.
(Ambrósio encontra-se com Carlos e agarra-o pela roupa)

A- Agora eu te peguei.E é bom você ajudar-me senão eu te arrebento.

C- (dando-lhe uma bofetada) Toma,desgraçado!

A- Nossa! Que porrada! (cai no chão)

C- (à parte) Outra vez para a concha.(mete-se debaixo da cama)

A- (levantando-se)-Que mão! Continuam a bater.Onde é que vou esconder-me! Que breu! Deste lado tinha visto um armário...Ah! Aqui está. (entra no armário)

CENA XII

Jorge,entrando.

I- Que foi broto? Que foi? Não tô enxergando nada.(dá com Florência no canto)Quem tá aqui?

F- Sou eu.

T- Não se preocupe.Eu tô aqui.

E- Mamãe,mamãe,o que houve?

F- Ah! É o Jorge e estes rapazes.(levantando-se,ajudada por Jorge)

E- Mamãe,o que aconteceu ?

F- OH! Emília!

T- Eu tava no corredor,ouvi gritos e vim com a tchurma dar um help.

F- Muito obrigada,Jorginho.Ele já fugiu.

I- Ele quem?

F- O ladrão.

Todos- O LADRÃO !!

F- Sim,um ladrão vestido de padre,que queria roubar e me matar.Aqui a roupa que ele estava usando.

I- Mas ele não teve tempo de sair.Aí repartida,vamo dar uma geral-

F- Espere Jorge,deixe-me sair primeiro.E quando vocês o encontrarem batam sem dó e depois levem-no pro xadrez,que é o lugar dele. (à parte) Agora,Ambrósio,você vai ver com quantos paus se faz uma canoa.Vem Emília.

E- É o Carlos mamãe.É o Carlos.

F- Que Carlos menina . É o teu padrasto.

E- É o Carlos,eu tô falando.

F- É ele,o Ambrósio.Vem.Procurem bem o pau nele.Anda,anda.(saem)

CENA XIII

I- Aí pessoal,vamo olhar tudo.E assim que ele pintar,pau nele.Aqui não tá.Aqui também não.Hum! Já sei.O safado entrou debaixo da cama.(levantam a cama e começam a bater)

C- EU NÃO SOU LADRÃO NÃO CARA!

I- Toma filho de puta!! (todos falam ao mesmo tempo.Correm pelo quarto e derrubam o armário.Carlos sai)

CENA XIV

Jorge,depois Florência e Emília.

I- Vão atrás dele que o desgraçado machucou minha canela..Pode vir gata.

F- Então,Jorge?

I- Tava escondido debaixo da cama.

E- Não falei mãe ?

I- Demos uma boa surra nele e ele fugiu,mas a galera foi atrás.

F- Muito obrigada Jorge.Não sei como lhe agradecer.

I- Que isso.

F- Mais uma vez,muito obrigada.

I- Que isso,disponha,qualquer coisa é só tocar a campainha.

F- Claro,claro.

I-(vai saindo e volta).Ah! Manda alguém levantar o armário.

CENA XV

F- Estamos quites.

E- Então mamãe não falei que era o Carlos.

F- E continua a teimar.

E- Se eu o vi debaixo da cama!!

F- Ai,que raiva! Era o teu padrasto.

E- Mas eu o vi!

F- Eu já falei Emília.Chega!

CENA XVI

J-(entrando) Mamãe,aquela mulher da tia quer falar com você.

F- O que é que aquela perua quer falar comigo? (resoluta) Mande entrar.

E- Mum! Não sei não.

F- Ponha duas cadeiras aqui.Ela não tem culpa.(Emília põe uma cadeira,Florência senta-se) Vejamos o que é que ela quer.Emília, vai para dentro.

E- Mas mamãe.

F- Isto é um assunto para mulheres!

E- Mamãe!!!!

F- Deixa de ser idiota.Você entendeu muito bem o que eu quiz dizer. (Emília sai) Eu vou fazer de tudo para acabar com aquela cretino.

CENA XVII

Entra Rosa.Já vem de vestido.

R- Já licença ?

F- Pode entrar.Sente-se.

R- Nossa situação é muito delicada.

F- É muito desagradável.

R- Ambas casadas com o mesmo homem...

F- E ambas com igual direito.

R- Acho que está havendo um pequeno engano.Nós não temos os mesmos direitos,já que sou a primeira mulher....

F- Claro,o direito é meu.Eu estava falando do direito de nos vingarmos.

R- Nisso estou de acordo.

F- Fui traída...

R- E eu insultada...

F- Prejudiquei meus filhos...

R- Contribuí para a morte de minha mãe...

F- Gastou parte da minha fortuna...

R- Roubou tudo que eu tinha.

F- Ah! Mas vou me vingar!

R- (levantando-se) Exatamente por isso,que estou aqui.

F- (levantando-se) Como assim ?

R- Ambas fomos traídas pelo mesmo homem,ambas servimos de degrau à sua ambição.E porventura somos disso culpadas ?

F- Mas lógico que não.

R- Nem eu,nem você,sabíamos que ele era um cafajeste antes de nos casarmos com ele,não é verdade ?

F- Claro que não sabíamos.

R- Nem por isso seremos inimigas,muito pelo contrário.Deveríamos nos unir para colocarmos aquele cretino na cadeia.

F- Realmente não somos culpadas.Embora sua presença faça lembrar tudo de ruim que aconteceu,farei um esforço para nos unirmos e

Vencemos aquele porco chauvinista!

R- Não sou fina como você,mas sou decidida.Aqui está.

F- O que é isto ?

R- Uma ordem de prisão.A polícia está atrás dele.

F- Ele esteve aqui.

R- O nosso marido ?

F- Sim.

R- E você não o segurou ?

F- E como ?

R- Ah! se eu estivesse aqui....

F- Fugiu,mas levou uma baita surra.

R- Onde será que aquele canalha estará ?

(Ambrósio arrebenta uma tábua do armário,põe a cabeça de fora)

A- Ai,que abafo!

F e R- (assustadas) É ele !!!

A- (com a cabeça de fora) Diabos! Aqui estão elas!!

F- É ele,mas como foi parar aí ?

R- Estava nos espionando.

A- Que espionando que nada.Queiram me tirar daqui.

R- Para quê ?

A- Quero sair,não aguento mais .

R- Ah,não pode sair ? Melhor ainda.

A- Melhor ?

R- Claro,seu imbecil.Agora você está em nossas mãos.

F- Sabe o que estávamos fazendo ? Arrumando uma maneira de acabar com sua raça.Uma um dia da caça,outro do caçador.Você caiu na sua própia armadilha.

R- Como?

F- Emília tinha razão,quem estava debaixo da cama era Carlos,e foi ele quem apanhou.Ah,patife! Me deve mais uma.

R- Mas vai pagar tim-tim por tim-tim...

R- Queridas,pensem duas vezes antes de fazerem qualquer coisa contra mim.

F- Você não se enxerga mesmo.Era só o que faltava,termos medo de você.

R- Sabe o que é isso,Ambrósio ? É uma ordem de prisão contra você.Foge agora que eu quero ver.

A- Minha Rosinha,me tira daqui.

R- O que é que isso ?

A- Florêncinha,tem paninha de mim.

R- Vamos ter sim.Estamos em dúvida, se damos uma um jacaré para você ou você para um jacaré.

F- Ótima idéia. (Florência sai)

- A justiça tarda,mas não falha.Apesar de isso no Brasil não ser ser verdade,aqui nesta história vai funcionar mesmo que você fosse o ministro da fazenda.
- Seja razoável Rosinha.Enquanto aquele canhão está lá dentro,me solta e a gente foge juntos.
- Promessa sua vale menos que o plano verão.
- Mas eu juro que desta vez vai dar certo.
- O Barney também jurou que ia dar certo e nos ó...
- (entra) Toma desgraçado!
- (ri)
- Você acha que nós íamos deixar a coisa assim...
- (grita) Ai!
- (procura um pau) Não acho também um pau...
- Grita,grita,que eu já chorei muito.Mas agora hei-de arrebentar-te esta cabeça.Bota essa cara sem-vergonha de fora!
- Patifa! Zombou de nós.
- Ai,que morro!
- Toma!
- Você vai ver como duas mulheres se vingam.(xingam e batem em Ambrósio) Pensava que íamos chorar para sempre ?
- Assim vocês me matam.
- Nossa,Florêncio,ele descobriu a América,sinal de que não é tão burro.
- Acho que chega.Vamos chamar os policiais.
- Que nada.Ainda não lhe quebrei a cabeça.
- Não,minha amiga,por nossas mãos já nos vingamos.Agora,a justiça.
- Está bem.Um instantinho,já voltamos.
- Se quiser,pode sair e passear.Atrás do teatro tem um bosque lindíssimo.Vamos,ele não fugirá.(colocam-se juntas do armário,silenciosas)
A- Já se foram.Arrebentaram minha cabeça! Se eu pudesse fugir...(Florêncio e Rosa dão-lhe)
F- pois tente fazer isso.
R- Vamos,tente fugir.(Jorge entrando com soldados e Carlos)
T- Gata,o ladrão foi apanhado.
C- (entre os soldados) Tia!
F- Carlos!(Emília entra)
E- Primo!
R- Um momento senhores.Eu tenho aqui um mandado de prisão contra um sujeitinho que está ali naquele armário.
Todos- NAQUELE ARMÁRIO!!
Sold- (lê o mandado) Está correto.

R- Por favor,levantem o ambrósio.

F- Abram. (Ambrósio sai,pálido)

Todos- AMBRÓSIO!!!

Sold- O senhor está preso..Tem o direito de permanecer calado.....

R- Levem-no...

F- Para a cadeia.

A- Um momento.Estou preso,vou passar anos na cadeia....(olhando as mulheres) seria bem melhor ter dado o golpe do político,do que o golpe do baú,pois quando o povo descobre,reclama,mas nada acontece.Agora vejam só o estado em que fiquei.Mas não desisto,me aguardem na próxima peça....MERDA!!! (todos saem)

CENA XVIII

C- Emília,você está tão linda vestida de noiva.

E- Mas eu não estou vestida de noiva.

C- Quem disse que não ? (Emília aparece do outro lado,segue cena do casamento e sequência final)

CENA XIX

Padre- SE ALGUÉM PRESENTE NO RECINTO SABE ALGO QUE POSSA IMPEDIR ESTE CASAMENTO,QUE FALE AGORA OU SE CALE PARA SEMPRE.

(entra uma mulher)

Mulher- CARLOS ..!!

(espanto de todos)

FIM.